



Carta Desafio

Precisamos falar mais sobre sífilis, sem preconceitos

Em agosto de 1530, o médico, escritor, humanista e astrólogo Girolamo Fracastoro (*Hieronymus Fracastorius*) publicou, em Verona, Itália, o poema latino *Syphilis Sive Morbus Gallicus* (Sífilis Ou Mal Francês), no qual descreve a doença que o deus grego Apolo impôs a Syphilus, um pastor de ovelhas que amava mais o rei Alcithous, de sua região, do que os deuses.

Como um grande mal da época, cada região colocava o problema em outra região: mal espanhol, mal napolitano, mal francês, entre outros. Entretanto, hoje, por análises de biologia molecular, sabe-se que a sífilis existiu em outras partes do mundo antes da época de Fracastoro. Muitos preconceitos contra as pessoas que tinham a doença marcaram gerações. Inclusive, a doença recebeu, em séculos passados, o nome de lues, que significa peste ou flagelo, para que se evitasse falar o seu nome, sífilis. Imagine, era preferível falar o senhor, a senhora tem peste, flagelo do que falar o senhor, a senhora tem sífilis.

De Girolamo para cá, inúmeras obras de arte usando a sífilis como pano de fundo foram realizadas por diversos autores de diferentes áreas – desde pinturas, como as de Rembrandt (retratando a lesão tardia de nariz em sela) e Edvard Munch (mostrando a herança da sífilis congênita), até filmes de longa metragem, como Dr. Ehrlich's Bullet Magic (sobre os primeiros medicamentos desenvolvidos especificamente para tratar a sífilis: salvarsan-606 e neo-salvarsan-914), Miss Erver's Boys (sobre o estudo antiético da sífilis não tratada em homens negros de Tuskegee, Alabama, Estados Unidos) e Heleno (sobre a vida do jogador de futebol ídolo do clube Botafogo, Rio de Janeiro, que se negou a tratar a sífilis e morreu com sequelas tardias em um sanatório mineiro).

No início de 1905, a bactéria *Treponema pallidum* foi identificada como o agente etiológico da sífilis e, em seguida, o primeiro exame sorológico para o seu diagnóstico foi apresentado aos médicos europeus.

Embora tenha sido descoberta em 1928, foi no início da década de 1940 que a penicilina se tornou o principal antibiótico para tratar de forma efetiva e sem resistência bacteriana, até os dias de hoje, todas as formas de sífilis em adultos, crianças e neonatos.

Poucas doenças têm os dados históricos, os acontecimentos científicos e os elementos artísticos que a sífilis apresenta. E, apesar de todo o conhecimento e da disponibilização de diagnósticos, tratamentos, acompanhamento, rastreamento, prevenção, materiais de comunicação e mídia junto à população, além das possibilidades de análises estatísticas e de vigilância em saúde pública, a sífilis continua acometendo de forma crescente pessoas em quase todo o mundo, seja em países de baixo, médio ou alto desenvolvimento econômico e sociocultural. Entretanto, o número de casos de sífilis, no Brasil, está há décadas acometendo cada vez mais nossa população. Seja adultos, gestantes, crianças. Todavia, o amplo debate com a população, especialmente dos órgãos de imprensa deixa a desejar. Como exemplo, citamos o Brasil, na página de internet indicadoreffilis.aids.gov.br, mostra que em 2019 155.975 casos de sífilis adquirida, 62.086 casos de sífilis em gestantes e 24.236 casos de sífilis congênita. Todavia, dados da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro revelam que, em 2019, só no estado do Rio de Janeiro, do total de 6.233 notificações de sífilis congênita 282 conceptos tiveram como evolução óbito por sífilis congênita, aborto ou natimorto.

Quantas reportagens lemos, ouvimos, assistimos sobre este tema nos últimos anos? As poucas matérias são esparsas e jamais, jamais ocorreram simultaneamente em jornais e revistas impressas, rádios, televisões, mídias digitais por dias seguidos visando massificar o assunto e oferecer o máximo de informações para todas as populações. Junto a tudo isso, em muitas maternidades públicas das grandes cidades não há um dia sem ter um recém-nascido com sífilis congênita. Sem falar que existem maternidades privadas no Brasil que atendem, mas não notificam os seus pacientes com sífilis congênita. Fora o problema da doença em si, ainda enfrentamos os problemas de notificação e investigação adequada de cada caso.

Assim, um grupo multiprofissional propôs, articulou, pesquisou, debateu e executou uma atividade única registrada no mundo até hoje: uma exposição sobre história, ciência e arte na esfera do tema sífilis.

Como curador emérito da exposição (realizada de novembro de 2021 a fevereiro de 2022 no Paço Imperial, Rio de Janeiro, <http://exposifilis.aids.gov.br/>), e como profissional que pesquisa, que escreve e que atende pessoas com sífilis, aprendi a cada dia, a cada reunião do grupo gestor, novas informações sobre a sífilis, sobretudo, como trabalhar em grupo faz com que cada participante cresça mais.

Um desses aprendizados foi saber que Fracastoro, criador da palavra sífilis, em um poema que relacionava a causa da doença a castigo divino, anos depois, em 1546, escreveu e publicou importante obra, mas que pouquíssimos conhecem – *De contagione et contagiosis morbis et curatione* –, sobre o contágio e os males contagiosos e sua cura e que são transmitidos por partículas de pessoa para pessoa, seres vivos que se reproduzem, ou sementes de contágio. Apresentava ali, Fracastoro, séculos antes das descobertas microscópicas dos microrganismos a teoria de que doenças infectocontagiosas eram causadas por seres vivos e não por castigos de deuses.

Devido a riqueza do material, do pouco tempo de exposição, com interrupções pela pandemia da COVID-19 resolvemos trazer para a nossa casa, Associação Médica Fluminense, AMF (Sala Waldenir de Bragança), Icaraí, Niterói, RJ uma nova exposição. Pois, é na AMF que recebemos desde a época de acadêmico de medicina, década de 1970, esteio para muitas de nossas inquietudes. Além do mais, é Niterói a sede de nossas outras casas: a Sociedade Brasileira de DST e o Setor de DST do Departamento de Microbiologia do Instituto Biomédico da Universidade Federal Fluminense, que em todos os momentos são alicerces de nossas atividades.

Prepare-se. Vá com a mente aberta para conversar sobre qualquer preconceito que possa existir. Pois você vai se surpreender, como nós fomos, com os mais diversos elementos que apresentaremos.

Muitas peças do acervo da exposição no Paço estarão presentes. Porém, nesta nova versão apresentaremos obras inéditas, provocantes e a possibilidade de conversas presenciais com monitores acadêmicos de medicina da Universidade Federal Fluminense (alunos da disciplina optativa de DST, alunos de iniciação científica e sobretudo, alunos da Liga Acadêmica de IST da UFF) e com membros da curadoria, com a finalidade de dirimir dúvidas e externar inquietudes.

Como nós, você sentirá orgulho das parcerias estabelecidas pelas distintas entidades envolvidas nesse trabalho.

Queremos provocar você a perceber que a nossa forma misturada de apresentação da exposição não é desorganizada, como estão as gestões da educação e da saúde pública, de entidades privadas em inúmeros municípios e estados brasileiros, no que diz respeito ao combate à sífilis congênita, principalmente. Os números de notificações dizem isso.

Há séculos a sífilis consome com sofrimentos. Há séculos a sífilis nos inebria de arte e cultura.

Há muitas décadas conhecemos o agente etiológico, o diagnóstico, o tratamento da sífilis. Até hoje sem resistência da bactéria à penicilina.

Assim, lançamos um desafio para toda a sociedade brasileira: reconhecer, trabalhar e reverter, os absurdos números de casos de sífilis congênita (SC), de óbitos fetais e não fetais, no Brasil. Pois estes representam um atestado de má qualidade de pré-natal. Uma negligência que não cansa de nos envergonhar. Ao mesmo tempo que é uma vergonha que não cansamos de negligenciar.

Sintam um abraço afetuoso de toda a equipe da curadoria da exposição. *“Precisamos falar mais sobre sífilis, sem preconceitos”*.

Niterói, 15 de outubro de 2022.

Mauro Romero Leal Passos

Curador da exposição